

ASSIGNATURAS

Corte, anno.....	10\$000
Semestre.....	5\$500
Trimestre.....	3\$000
Mez.....	1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno.	12\$000
Semestre.....	7\$000
Trimestre.....	4\$000
Mez.....	1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado às Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, Dr. Walduroff, D. Francisca Gonzaga, F. A. Costa, etc

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1880 N. 8

O ciúme

Tenho ciúme d'esses teus cabellos,
Graça, desvelos de gentil composto;
Tenho ciúme d'essa côr morena,
Que fulge amena em teu mimoso rosto.

Tenho ciúme d'esse olhar magoado,
Tão engraçado no volver cadente,
Tenho ciúme d'essa bocca virgem;
Grata vertigem que allucina a mente.

Tenho ciúme d'esse collo ardente,
Que docemente te sustenta a fronte;
Tenho ciúme desses castos seios,
Que são de enleios uma eterna fonte.

Tenho ciúme de tua alma pura,
Flor de ternura e divinal pudor;
D'essa alma de anjo, que a sonhar delira
E o fogo inspira de um sagrado amor.

Teu todo, ó virgem, me infundiu ciúme,
Mago queixume inebriante ardor;
A tua imagem que meu peito alenta,
Géra, alimenta do ciúme a dor!

E contemplando essa belleza infinda,
Formosa, linda, em seu desabrochar;
Resplende o encanto, celestial perfume,
Renasce o ciúme que me vai matar!...

DR. LUIZ CARDOSO.

Recitativo

Era ao sol posto, na estação formosa
Que tem da rosa o perfumar subtil;
Quadra risonha, só d'amor e beijos,
Loucos desejos perfumando a mil.

×

Tu parecias entre os arvoredos
Os meus segredos recordar a sós,
Casando ao doce gorgear das aves,
Notas suaves com celeste voz.

×

Mas onde pousas delirante a frente,
Quando innocente tua face ri?
Amas os anjos que no Olympo moram,
Ou te namoram, ao contrario, a ti?

×

Não sei; que aos anjos não é dado tanto,
Eu por encanto a teus pés me achei,
Jámais em nave me ajoelhei mais crente.
Nem mais fervente devoção terei.

×

Por solio havias a louçã collina,
Luz vespertina por brandão no céu.
Briza que os hymnos divinaes cantasse,
Quem te adorasse—era eu, só eu.

M. T.

Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

V

E' indescritivel a scena que se passou entre mãe e filho, dialogo mudo em que só os olhares tudo exprimiam.

Elle, naturalmente obediente, aproximou-se de D. Thereza, e como para amainar a tempestade que estava imminente, tomou-lhe de uma das mãos, beijou-a carinhosamente, affagando-lhe depois o rosto, com a brandura propria de um coração feminil.

D. Thereza, porém, com o olhar colerico e resentida ainda pelo que lhe ouvira dizer de sua sobrinha, desprendeu-se bruscamente d'elle, gritando:

— Saiha, deixe-me, seu hypocrita. O Sr. está me cavando a sepultura com as accções indignas que pratica. Que razões lhe deu minha sobrinha para que o Sr. lhe chame de idiota? E' assim, assim que se diffamam moças virtuosas pela bocca de calumniadores como o Sr.

— Mamãe põe-me n'uma coacção de que não posso libertar-me. Nunca me lembrei de diffamar ninguem e muito menos minhas primas, por quem nutro alguma sympathia. Penso que mamãe interpretou mal o que eu disse...

— Só faltava isto! Então o Sr. ainda por cima quer enganar-me? Eu não ouvi distinctamente as suas palavras?

— Idiota, apenas.

— E repete-o? Não lhe córam as faces quando alcunha sua prima com semelhante epitheto?

— Penso que isso não é diffamar...

— Cale-se, não me responda. Lembre-se

que me ha-de obedecer enquanto eu quizer; sou sua mãe e tenho todo o direito a isso.

E D. Thereza, rubra, nervosa, escorrendo em suor pelo esforço que fizera fallando mais alto do que lh'o permittia a sua constituição fraca e doentia, encarou com o moleque, que se conservava em respeitosa distancia, muda testemunha de tudo quanto se passara.

— Que fazes ali? perguntou-lhe.

— Nada, minha senhora, vim visitar o Sr. Antoninho.

— Falla verdade, rapaz; o que vieste aqui fazer? tornou D. Thereza mais asperamente.

— Não se zangue, minha senhora; por dous dias que a gente vive neste mundo...

— Falla, rapaz!

— Foi... foi... gaguejou o moleque, uma coisa... uma carta... sim, uma carta, mas é da sinhá velha...

— Uma carta de minha mãe?

E o moleque atrapalhado, medroso, temendo as iras de D. Thereza, continuou:

— Uma carta, não... se a senhora quer que eu falle verdade, eu digo que são duas... sim, duas cartas... uma da sinhá velha e outra... a outra, o Sr. Antoninho bem sabe de quem é. Não o digo nem que me matem; eu cá, sou de segredo.

O rapaz complicara a situação.

Ora a Sr. D. Thereza, rabugenta como a sua enxaqueca, impertinente como o seu nervoso, apesar do cansaço em que a prostrara o dialogo agitado que tivera com o filho, tomou um certo ar tragico, cruzou os braços e dirigiu-se a elle d'este modo:

— Enganada! sempre enganada pelo Sr.!

O moço, imperturbavel, habituado ás

exprobrações de sua mãe, procurou tranquillisal-a, abraçando-a, ao que ella se esquivou.

— Saiha; as suas imposturas já me fatigam; não devo mais acreditar em coisa alguma que me diga á vista das mentiras flagrantes em que o tenho apanhado. O Sr. degenerou; em toda a nossa familia não ha pessoa mais ingrata nem mais falsa!

— O Sr. Antoninho é bem bom mocinho, oh! se é! Eu que o diga!—interrompeu o moleque.

D. Thereza lançou-lhe um olhar significativo, impondo-lhe silencio, e continuou:

— Ainda agora me queria illudir, occultando-me as cartas que recebeu, não é assim? Bonito procedimento esse para com sua mãe!

— Não era essa a minha intenção. Quando ia instruil-a d'isso, mamãe mandou-me calar e eu obedeci-lhe.

— Sempre tem desculpas... Queira dar-me as cartas.

O moço, sem vacillar, tirou-as do bolso, onde as havia guardado logo que vira entrar D. Thereza, e deu-lhe em primeiro lugar a da avó, que ella leu com a maior anciedade, dizendo depois:

— Veja isto! E' preciso que sua avó o convide a ir a sua casa!... Que tenciona fazer?

— O que mamãe me aconselhar.

Esta resposta acalmou um pouco a co-lera de D. Thereza, que já via o filho por outro prisma.

— Está bom, disse ella. E a outra carta?

N'este momento, o moleque, fazendo signaes inintelligiveis, pronunciou com

voz baixa as seguintes palavras, que bem se entenderam:

— Isso é o diabo, Sr. Antoninho!... Eu cá por mim sou de segredo!

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa).



Mote

Lá nas margens da lagôa
De uma funesta espessura,
Entregue a todo o desgosto,
Choro a minha desventura.

GLOSA

Pallida sombra vagante
Fugia de Enéas terno,
Que baixára ao negro Averno
De vêr o pai anhelante.
De dor um ai sussurrante
A seus ouvidos echôa,
Chora o pio, a Stygie sôa,
Repete o echo no monte
E a barca prende Charonte
Lá nas margens da lagôa.



« Quem és que commoves tanto
Meus coração? grita Enéas,
Não me fujas, que receias?
Dize a causa de teu pranto
« Ai de mim! tremeu no entanto
D'esta voz a Stygie escura,
Oh! miserrima ternura!
Elisa sou, » mais não disse
E busca um trilho infelice
De uma funesta espessura.



Vagava Enéas sem tino,
 Apòs a sombra furtiva
 E vagava a sombra esquiua
 Ao delirio, ao desatino.
 « Monstro, monstro, viperino,
 Espera, volta-me o rosto,
 Não toques o extremo opposto,
 Se me amaste lá no mundo,
 Não me deixes no profundo,
 Entregue a todo o desgosto. »

X

A taes vozes, commovida,
 Volve Dido miseranda,
 E com voz macia e branda
 Lhe responde resentida:
 « A ti não é concedida
 A idéa de sepultura,
 Basta só que da ventura
 Saibaes meu fim, minha sorte,
 E que no reino da morte
 Choro a minha desventura. »

FREI BASTOS.



Lyrica

Na lyra, senhora, teus magos encantos
 Quizera entoar;
 Dos seres creados, ó flor peregrina
 De molde sublime, que a mente divina
 Nem soube imitar !

+

Teu rosto tão meigo, virgineo resplende
 D'ingenuo pudor;
 Mimoso e sereno,
 Teu rosto moreno,
 Teu rosto de amor !

+

E os olhos seduzem, tão negros, velados
 Com terna expressão ;
 Teus olhos que tentam, sonhando outros mundos,
 Que scismam por vezes, que scismam profundos
 Em celea visão.

+

Porém, n'outras horas, travesso, volúvel
 Teu limpido olhar
 E' estrella brilhante,
 Que a luz coruscante
 Tremula no mar.

+

São alvos os dentes, os dentes pequenos
 D'alvura do liz !
 E a bocca ridente, gracil, pequenina,
 Possui a frescura da flor matutina
 E a côr dos rubis.

+

O riso que enflora teus labios carmineos
 E' riso do céu !
 Aurora esplendente
 Que esgarça fulgente
 Das magoas o véo.

+

E' casto e suave, formoso e delgado
 Teu corpo gentil ;
 De sylphide airoza, teu corpo tão bello,
 Teu corpo que encerra thesouro singelo
 De um'alma infantil.

.....

Mas quem, ó senhora, teus magos encantos
 Acaso entoára ?
 A ti, peregrina,
 Só lyra divina
 Talvez exaltára !

S. JUNIOR.



Knol, assassino!...

(LEND A BRETÃ)

Vivia, no paiz de Cornouailles um rachador de lenha, chamado Knol, casado com uma mulher de nome Jeanic.

Ora, como sua esposa fosse dotada de um genio por demais irascivel, resolveu Knol o criminoso intento de se desembaraçar d'esta companhia incommoda.

Uma noite, que ella dormia profundamente, o rachador de lenha estrangulou-a com os lençóes da cama.

Todo o mundo suppoz, no dia seguinte, que ella morrera victima de uma congestão e foi enterrada sem que ninguem, nem levemente, suspeitasse o crime...

Era porém Knol um tratante, dotado de uma tenaz força de vontade.

A consciencia quiz-lhe exprobrar o crime que commettera; elle, porém, riu-se da consciencia e mandou-a ao diabo.

Deus soube d'isto e ficou extremamente penalizado, chamou o anjo Gabriel e disse-lhe:

— Tu vais descer á cabana de Knol, que está ausente; encontrarás n'ella uma pêga e ensinar-lhe-has estas duas palavras:

— *Knol, assassino!*...

O anjo desceu e executou as ordens de Deus.

Quando o rachador de lenha entrou, a pêga saltando de contente começou de gritar as palavras ensinadas pelo anjo:

— *Knol, assassino!*...

Como bem se presume, não foi pequena a surpresa do rachador. Atirou á avesinha um valente pontapé e como a sua consciencia era pouco escrupulosa, esqueceu-se logo do incidente.

Cada vez, porém, que elle voltava á cabana, a pêga, teimosa, como uma bretã, recomeçava o estribilho.

Esta teimosia acabou por desesperar o rachador, que matou a pêga, julgando ficar assim quite d'esta constante exprobração á sua consciencia. Mas Deus viratudo. Encolheu os hombros, chamou de novo o anjo Gabriel e disse-lhe:

— Tu vais descer sobre o grande olmo, que ensombra a cabana de Knol, e ahi encontrarás um melro, que tem um ninho entre as suas frondosas folhas. Ensina ao melro o que ensinaste á pêga.

O anjo desceu e executou as ordens de Deus.

Findo o seu trabalho, quando Knol regressava á cabana, ouviu atterrorizado, as celebres palavras:

— *Knol, assassino!*...

Procurou d'onde partia a voz e reconheceu, com espanto, que o melro do olmo, repetia o estribilho da pêga morta. Deitou-se e dormiu mal.

Nos dias immediatos o passarinho continuava a fallar e Knol a fugir-lhe.

Finalmente, desesperado e colerico, o rachador buscou a velha espingarda, pendurada ao canto da cabana, fez pontaria ao melro e matou-o.

Mas ao morrer, o melro articulara pela ultima vez as duas palavras fataes:

— *Knol, assassino!*

Tanta resistencia e tamanha malvadez exasperaram a Deus, que disse então ao anjo Gabriel:

— Vai depressa ensinar ao regato que murmura, ao vento que carpe, ao trovão que brame a condemnação eterna, que eu mandei a Knol, nas vozes da pêga e do melro. Que todos os meus elementos apren-

dam estas palavras terriveis:—*Knol, assassino!*... *Knol, assassino!*... Hei-de domar a inflexibilidade de consciencia d'aquelle desgraçado, que ousa affrontar-me.

O anjo Gabriel desceu de novo e executou as palavras de Deus.

D'ahi em diante, o rachador de lenha não dava um passo, que uma voz, na agua, no vento, na nuvem, lhe não repetisse constantemente a terrivel sentença:

— *Knol, assassino!*... *Knol, assassino!*...

Foi então que elle se reconheceu vencido.

Cahio gravemente doente, arrependeu-se e morreu, depois de arrependido, em paz comsigo e com Deus.

J. M. TAVARES.



Serões da Província

POR

JULIO DINIZ

—

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

Eu desdobrei o papel e li as seguntes estancias, escriptas com uma letra rapida e como por uma mão convulsa, mas sem uma unica emenda: adivinhava-se, ao vê-la, que fôra escripta com rapidez em um instante de inspiração:

Flor dos campos, flor singela,
P'ra quem guardas tuas cores?
Deus creou-te entre verdores
Só p'ra os campos enfeitar?
Desconhecem-te a belleza
Outra flores que t'a invejam.
E as brizas, se te bafejam,
Não o sabem revelar.

— Ore repare;—disse, interrompendo-me a senhora de Entre-arroios,—porque me parece que esta flor, de que aqui se fallã, não é bem uma flor.

Sorri-me á observação, e continuei:

Ha tanto que corro os prados
Por sobre viçosas relvas!
Tantas flores pelas selvas,
Tantas no monte encontrei!
Ha tanto! e porque só hoje,
Alva cecem da campina,
Quiz a minha ingrata sina
Que te encontrasse? Não sei

—Vê, não lhe parece estranho?—ponde-rou de novo a senhora de Entre-arroios,—mas leia, leia.

Não sei. O peito agitado
Seus segredos não revela.
Se o vêr-te foi minha estrella,
Se é sorte pensar em ti...
Pensarei, sim; tua imagem
Ha-de seguir-me incessante,
Em ti só, flor vicejante,
Pensarei, já que te vi.

Novo gesto de D. Margarida, eu continuei:

A' noite nos arvoredos,
Onde fórmias vaporosas.
Vagueiam mysteriosas,
Irei procurar-te, a sós,
De manhã quando no oiteiro
Surja a chamma matutina
Já o teu nome...

Havia aqui um espaço deixado em branco e completava a estancia:

Repetirá minha voz.

— Tenho-me matado para vêr se adivi-

nho o nome da flor, que ahi falta, mas não vejo.

Eu que, como o leitor deve suppôr, não encontrei grande difficuldade em completar o verso, disse sorrindo-me para a senhora de Entre-arroios :

— Preciso seria que primeiro assentassemos se, como V. Ex. disse ha pouco, esta flor é bem uma flor—e preparava-me para continuar a leitura, quando se abriu a porta de par em par, e deu passagem á figura rubicunda e espherica do abbade, que saudou a assembléa com o seu habitual :

— Louvado seja nosso Senhor Jesus Christo.

— Amen—respondeu a Sra. D. Margarida, em quanto que, apertando-me o braço com vivacidade, tacitamente me instava o esconder o fatal papel, revelador do delicto poetico de Thomaz.

Este sentimento de delicado pudor, que inspirara áquella mãe o occultar dos olhos de seus prosaicos convivas os devaneios litterarios de uma imaginação de quinze annos, devaneios, cujo sentido, quasi enigmatico, ella propria mais adivinhara do que comprehendera, tinha o quer que era de tocante, que me commoveu.

Apressei-me pois a esconder o papel, como se partilhasse tambem dos mesmos terrores, e respondi ao abbade, que me havia dirigido não sei que pergunta, que por insignificante me esqueceu já.

O medico havia n'este momento acabado de se pôr em dia com os acontecimentos europeus.

Depois de esvoaçar por todas as nações do mundo civilizado, aquelle pensamento repousava agora, talvez, a ponderar nos destinos do Grão-Sultão e da Porta.

O abbade odiava os jornaes politicos, como odiava todas as cousas cujo uso não se remontasse ao antigo systema governamental, de que era, e se confessava, afferado partidario.

Entre elle e o medico, que militara no cerco do Porto, e fôra ferido n'um ataque ás linhas, ao saltar um muro para observar o espectaculo de mais de longe, ferida que provavelmente hoje lhe valerá uma pensão vitalicia, havia constantemente hostilidade supita, que se trahia nas mais pequenas cousas e que a menor faísca fazia reventar em terriveis explosões, as quaes só o animo pacificador de D. Margarida conseguia apaziguar.

— *Quid curas, doctor?* —disse o abbade approximando-se do antagonista com affabilidade felina.

O doutor com os olhos na chão, as pernas cruzadas e os beiços fazendo tromba, parecia calcular mentalmente a área do pavimento da sala; ás palavras do abbade levantou a cabeça.

— Oh! reverendissimo! pensava agora n'uma importante medida, que actualmente se discute nas camaras; é relativa aos morgados.

Uma tosse secca e significativa foi a resposta do reverendo egresso.

— *As camaras!* —continuou accentuando a palavra com emphase—era d'uma vez um dragão de cem cabeças... Nãa sabe o que diz a fabula?

— Sei só o que diz a historia—respondeu o doutor, já um pouco desabrido.

— Que muitas vezes é fabula—redarguiu o abbade, saboreando com delicia uma pitada.

D. Margarida presentindo a tempestade imminente acudiu a interrompel-os.

— Sabe, Sr. Fr. Domingos, que temos hoje uns ovos de recheio, que espero ha de apreciar ?

— Ovos de recheio! Devéras? Oh! minha rica Sra. D. Margarida; *semper honos, nomenque tuum, laudes que manebunt*, com mais rasão do que a honra, o nome e os louvores de Dido, que afinal de contas... não se lembrou de apresentar a Eneias ovos de recheio. Ah! ah! ah! —acrescentou, rindo-se ainda mais pela promessa dos ovos, do que pela graça que dissera.

— E hoje, meus senhores—continuou D. Margarida—havemos de acabar de decidir a respeito do Thomazinho. Aqui está o Sr. D... que nos ajudará com o seu conselho.

(Continúa)



MOSAICO

Tem José perna de páu
E casa com moça bella,
Arde em ciume por ella,
Ciume infundado e máu.

Tome tento! O bacalhau
Ou a ponta d'esta umbrellá,
Eu lh'enfio na guela
Se corteja algum marau.

Curve a fronte para o chão,
Quando fôr domingo á missa
Ou fôr á tarde ao sermão.

Cautela! não me derriça!
Mal de ti se o meu pimpão
Não sáe com perna postiça!

Com as mulheres não sabe o homem como se ha de haver, porque se as não ama, têm-n'o por nescio;—se as segue, por perdido;—se as serve, não o estimariam; se as quer, não o querem; se as não quer, perseguem-n'o;—se as frequenta, é mais que louco;—se as não frequenta, é menos que homem!

Como proceder?

+

Tendo de se ausentar
O Agostinho banqueiro.
Disse a esposa:—em meu lugar
Fica o caixeiro primeiro.
E ao ver partir o marido,
Disse um grande linguareiro,
Entre alegre e compungido:
Quem me dera ser caixeiro!

+

Na sociedade a mais escolhida, ha sempre alguém para combater uma opinião sensata e defender uma tolice.



CHARADAS

As do n. 7, que não tiveram decifrador, são: Crepe, Ismenia, Io; e o enigma: Como.

Um mez do *Sorriso* ao primeiro decifrador d'estas:

CHARADAS ALPHABETICAS

3—Estas tres consoantes podem fazer-me mal.

2—Estas lettras illuminam as cidades.

3—Estas letras dão o nome d'uma rua.

Esta consoante entra na Foz. }
Esta vogal entra na ilha, } 3
Entra em Lima a consoante }
E o todo indica honradez.

2—Com estas duas lettras, estendi-me a comprido.